

“O PARTIDO ESTÁ VIVO. HÁ INICIATIVAS, HÁ GENTE NOVA QUE SE INTERESSA PELA POLÍTICA”

■ Entrevista a Francisco Pinto Balsemão [p.10 e 11](#)



■ Pedro Passos Coelho [p.3](#)

A esperança
reformista do PSD



■ Marco António Costa [p.3](#)

Portugal
mais livre

EDITORIAL

PORTUGAL FOI CONDUZIDO E AFUNDADO NUM TERRÍVEL INVERNO DE MÁ MEMÓRIA

Longos anos de Governação do Partido Socialista remeteram o nosso país para um estado lastimoso e lamentável. Coincidências? Não se tratou da primeira vez; não aconteceu também pela segunda vez. Foi a terceira vez que o país foi conduzido a uma situação de inevitabilidade de recurso a financiamento externo a troco de um bom pedaço da nossa soberania. A soberania que condicionou a livre escolha que limitou a disponibilidade de decisão ao longo dos últimos quatro anos.

Este período em que o país foi mergulhado em 2011, depois de longos meses de recusa de assunção de responsabilidades por parte do Governo liderado por José Sócrates, deixou marcas profundas na vida dos portugueses. Porventura, alguém poderia entender que um país que se reduz à assinatura de um Programa de Assistência não sofreria de consequências, não sofreria de um período de limitação das disponibilidades financeiras e de complementos sociais?

A grande credibilização do país, visível internamente e reconhecida internacio-

nalmente, permitiu uma recuperação que só foi possível, graças à capacidade do Governo, dos partidos que o apoiam e, sobretudo, resultado da capacidade dos portugueses e de todo um país. Esta recuperação do país, comprovável pela descida constante da taxa de desemprego, do crescimento da economia, do superávit na balança de pagamentos não é seguramente devida ao comportamento dos partidos da oposição; antes pelo contrário, o Partido Socialista, exactamente aquele que maiores e piores responsabilidades tem no estado em que conduziu o país foi o primeiro partido político a assobiar para o lado e a alijar responsabilidades como se não as tivesse e, por outro lado, como se a recuperação do país fosse matéria que não seria do seu interesse.

Aliás, o Partido Socialista, ao longo destes difíceis anos, foi sempre a voz agourenta e de mau desejo, quando pretendia prevenir e assustar o país para a iminência de um terceiro resgate, para a tempestade de uma espiral recessiva ou, afinal, para a

inutilidade e falhanço das políticas seguidas, as mesmas que fundamentalmente o mesmo Partido Socialista havia negociado e assumido com a Troika de resgate.

Agora, terminado o Inverno em que nos mergulharam, são os mesmos que provocaram esta tempestade perfeita, os mesmos que negaram qualquer responsabilidade, os mesmos que se desinteressaram por toda e qualquer solução, os mesmos que desejaram os maiores insucessos ao país, os mesmos que sentenciaram o fracasso de todo um conjunto de medidas, são os mesmos que, agora, se apresentam ligeiros e disponíveis para assumirem as rédeas da governação da nação.

Será que esta dita alternativa que comprovadamente não reuniu nem reúne condições de credibilidade e de responsabilidade merece a confiança dos portugueses para um novo exercício de governação? Acredito que o povo português é sábio. Assim, o tem demonstrado ao longo da nossa longa história.



Miguel Santos
(Director do Povo Livre)

DISCURSOS DE SÁ CARNEIRO E REGISTO SONORO DO I CONGRESSO DISPONÍVEIS NO ARQUIVO DA SOCIAL-DEMOCRACIA

Após ser inaugurado a 4 de Dezembro de 2014 por Pedro Passos Coelho e Francisco Pinto Balsemão, o Arquivo da Social-Democracia já conta com mais de quatro mil fotos e a partir de hoje disponibiliza discursos de Francisco Sá Carneiro e o registo sonoro do I Congresso Nacional.

O arquivo do PSD promove a transparência e preserva a memória histórica do partido com uma iniciativa pioneira em Portugal. Recolhe, trata e preserva a documentação que expressa a identidade do partido, cumprindo as melhores práticas de gestão documental integrada. O Arquivo da Social-Democracia ambiciona ser a referência de arquivo para organizações da mesma natureza.

O Arquivo Fotográfico Digital, que conta hoje mais de 4.000 fotografias, é um projeto pioneiro em Portugal e em termos internacionais. É a primeira vez que um partido político disponibiliza a sua informação a partir de um software de gestão de arquivos, sem restrições de acesso, em ambiente digital e em conformidade com as normas do Conselho Internacional de Arquivos.

O carácter inovador tem-se traduzido numa participação incansável das diferentes estruturas locais espalhadas pelo país, que têm contribuído com a submissão de fotos para a preservação do património imaterial do PSD. Mas também pelo interesse que despertou enquanto plataforma de consulta, tendo ultrapassado os 6.000 visitantes no período entre 4 de Dezembro de 2014 e 5 de Maio de 2015.

No lançamento do arquivo fotográfico, foi inaugurada a exposição evocativa do percurso de Francisco Sá Carneiro,

A importância do arquivo em salvaguardar, promover e expressar o património imaterial do PSD tem sido reconhecida e divulgada em diversas iniciativas nacionais e internacionais.

assinalando o 34.º aniversário do seu falecimento, e que contou com a visita do presidente do PSD, Pedro Passos Coelho, e do militante número um, Francisco Pinto Balsemão, que assinalaram a importância que o Arquivo da Social-Democracia tem para a sociedade portuguesa e testaram as funcionalidades do Arquivo Fotográfico Digital.

Já o Arquivo Sonoro Digital, tornado público hoje, é constituído, neste mo-



mento, por seis discursos históricos de Francisco Sá Carneiro e pelo I Congresso Nacional do PSD, que decorreu em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, entre 23 e 24 de novembro de 1974.

A importância do arquivo em salvaguardar, promover e expressar o património imaterial do PSD tem sido reconhecida e divulgada em diversas iniciativas nacionais e internacionais. Nomeadamente, em conferências, congressos, artigos científi-

cos e notícias em revistas da especialidade.

O Arquivo da Social-Democracia continuará a ampliar o seu acervo, contando com a contribuição dos militantes e estruturas do PSD que tornam este projecto um orgulho para todos os social-democratas.

Para contribuir para o Arquivo da Social-Democracia, envie-nos as suas fotografias ou contacte-nos para o seguinte email: arquivo@psd.pt

A ESPERANÇA REFORMISTA DO PSD

Pedro Passos Coelho, Presidente do Partido Social Democrata

Durante todo este ano em que comemorámos os 40 anos do PSD, revivemos com orgulho o legado que recebemos. Com os Portugueses, demos um contributo insubstituível na construção da democracia representativa e na rejeição das derivas totalitárias; na edificação de uma economia social de mercado aberta, que confia na iniciativa privada e alicerçada num Estado social forte; na integração nacional na comunidade das sociedades europeias ocidentais, protectoras dos direitos e liberdades, com um projecto de justiça e mobilidade sociais.

Fizemo-lo em fidelidade aos nossos valores políticos fundamentais e em obediência às justas aspirações das sucessivas gerações de Portugueses. Foi com esse sentido de dever que, por vezes, fomos chamados a assumir a governação do País em circunstâncias muito difíceis – momentos históricos em que essas conquistas estavam a ser postas em causa.

Em 2011, foi isso que sucedeu, e mais uma vez assumimos humildemente as responsabilidades de vencer os perigos que ameaçavam Portugal. Hoje, podemos dizer que estivemos à altura dessas responsabilidades.

Mas neste último ano não estivemos de olhos postos no passado. Recuperámos o nosso legado para, com um novo fôlego, olhar para o futuro. Depois de restituirmos ao País a segurança e a esperança que lhe tinha sido subtraída em 2011, sabemos agora que o nosso futuro está aberto diante de nós. Por conseguinte, precisamos todos de saber o que queremos do nosso futuro colectivo.

Para o PSD essa resposta é muito clara: queremos prosperidade que seja sustentável; queremos mais equidade num País onde o destino social não esteja selado à nascença, mas esteja aberto ao trabalho, à criatividade e ao mérito de cada um. Queremos uma sociedade que proteja os seus membros mais vulneráveis e multiplique as oportunidades para todos. Queremos uma sociedade aberta ao mundo, confiante em si mesma e orgulhosa da sua identidade.

Tal como os fundadores do PSD olham muito para além dos acontecimentos que marcaram os dias do nascimento do partido, também nós começámos já a preparar o futuro de Portugal. Temos desafios pela frente que são, nalguns casos, antigos e enraizados; noutros, são novos e complexos. Mas não tenho



dúvidas de que os iremos vencer.

Aberto às mudanças dos tempos, mas depositário do que é, e deve ser, permanentemente, o PSD continuará a representar a

esperança reformista do País. Saibamos, pois, estar à altura dessa grande e honrosa responsabilidade.

Portugal conta connosco.

PORTUGAL MAIS LIVRE

Marco António Costa, Vice-Presidente e Coordenador da Comissão Política Nacional

O Partido Social Democrata chega ao fim de 1 ano de comemoração dos 40 anos da sua fundação ainda mais orgulhoso do seu passado e fortemente comprometido com os deveres de patriotismo e responsabilidade que sempre simbolizou para os Portugueses.

Nesta comemoração foram muitos os ex-Fundadores que se reaproximaram de nós e milhares os militantes e simpatizantes que participaram nas sessões que o PSD realizou por todo o País.

A 6 de maio de 2015, o PSD continua a ser o símbolo do partido que coloca sempre “Portugal acima de tudo!”.

A construção de um País novo que se ergueu das cinzas da bancarrota, e que olha para o futuro com esperança foi a tarefa a que nos dedicámos nos últimos 4 anos.

Hoje, os Portugueses sabem que ao comemorarem 41 de liberdade também o fazem com a consciência que, em 2015, a nossa liberdade é agora superior à que tivemos neste passado recente. Alguns querem esquecer que só é verdadeiramente livre quem tudo faz para se libertar da tutela do exterior. Alguns, para quem

a liberdade é uma simples palavra, uma mera retórica declaração de princípios. Na verdade, os seus actos consubstanciavam tudo menos o desejo de tornar a sociedade portuguesa verdadeiramente independente e livre para prosseguir as suas escolhas. Ao adoptar políticas irresponsáveis que debilitaram a capacidade das empresas portuguesas, enfraqueceram a economia e vulnerabilizaram o emprego dos portugueses, pondo em causa o desenvolvimento do país, o Partido Socialista tornou Portugal frágil perante situações de crise internacional ou de mera turbulência dos mercados.

Agora, quatro anos volvidos, o PS vem propor as mesmas receitas despesistas, aproveitando as condições muito positivas que o actual Governo de coligação conseguiu criar em Portugal, quer internamente como externamente.

E, pior que tudo, maquilha o acelerar da despesa e o corte nas receitas do Estado com o pretexto da reposição de rendimentos aos portugueses, como se fosse o único partido a ter a exclusividade das preocupações sociais. Na verdade, ao acelerar para metade o tempo previsto pelo Governo para repor os cortes em



sede de IRS e nos vencimentos da função pública, o PS está a abrir um brecha nas contas públicas que poderá significar um regresso ao passado.

Ao invés, o PSD segue e seguirá o caminho da responsabilidade. Não promete tudo a todos, embora continue a estar atento a quem realmente mais precisa da solidariedade do Estado. Recordo que foi este Governo que aumentou sempre as

pensões mínimas, por exemplo. Fomos, somos e seremos sempre o partido do humanismo personalista e do interclassismo.

O Humanismo dá-nos a linha mestra da nossa acção política e institucional e o interclassismo garante a reprodução plena da sociedade Portuguesa.

Assim continuaremos!

40 ANOS DE DEMOCRACIA, 40 ANOS DE PSD



SIMÃO RIBEIRO

PRESIDENTE DA JUVENTUDE SOCIAL DEMOCRATA

O POVO LIVRE COMO REFERÊNCIA IDEOLÓGICA

Assinalar os 40 anos do Povo Livre é mais do que dar os parabéns a um jornal pela sua longevidade. O Povo Livre foi sempre mais do que uma publicação de notícias, convocatórias, comunicados ou agenda. Na verdade, o jornal oficial do Partido Social Democrata é um símbolo da nossa coragem em sermos diferentes.

Mais do que um jornal, nos seus primeiros tempos o Povo Livre foi um dos mais importantes espaços de reflexão ideológica no PSD... e na JSD!

De facto, não se pode evocar estes 40 anos de edições sem falar também do primeiro jornal oficial da JSD: o “Pelo Socialismo”, editado com o Povo Livre.

Hoje o nome parece anacrónico, mas a formação ideológica de várias gerações de militantes passou pelas páginas deste jornal. A social-democracia era analisada

à lupa e as convicções dos militantes alimentadas por artigos argumentativos e inflamados.

Foram muitos os nomes que pontuaram no “Pelo Socialismo”. Refiro apenas o primeiro e o último diretores: Guilherme de Oliveira Martins (presidente do Tribunal de Contas) e Manuel Moreira (presidente da Câmara do Marco de Canaveses). Foram coadjuvados por António Rebelo de Sousa, um dos fundadores da JSD, e por Paulo Portas, hoje líder do CDS.

Em 1980 o nome foi “suavizado” para Jovem Reformista, mas não deixou de ser uma referência para os militantes.

Na passagem dos 40 anos do Povo Livre não podia deixar de agradecer a todos os que encheram as suas páginas, enriquecendo ideologicamente o PSD e a JSD.

MIGUEL ALBUQUERQUE

PRESIDENTE DA COMISSÃO POLÍTICA DO PSD/MADEIRA

CONSTRUIR UM BOM FUTURO PARA A MADEIRA E PORTO SANTO! RENOVAÇÃO, COESÃO E ESPERANÇA!

Com vista a determinar o futuro da Madeira e do Porto Santo, o PSD desenvolveu uma reflexão serena e objetiva.

Apresentamo-nos aos cidadãos com um programa sério e viável, dirigido às pessoas sem imagens distorcidas ou miragens do irrealizável.

Como partido que fundou e construiu a autonomia, como projeto de desenvolvimento de Portugal no Atlântico, fomos capazes de renovar a nossa imagem e apresentar novos protagonistas.

Comprometi-me em tudo fazer para assegurar a sustentabilidade da nossa Região, pondo um fim ao ciclo de austeridade.

Para tal precisávamos de um apoio claro da população, que nos permitisse vencer

os desafios do novo ciclo político, económico e social.

A maioria absoluta conquistada em 29 de março foi a demonstração de que o PSD/Madeira é a alternativa a si próprio para governar!

Num ano em que estamos a homenagear todos os autarcas eleitos pelas listas do nosso partido ao longo destes 40 anos de vida democrática, não poderia existir maior demonstração da vitalidade do Partido Social Democrata do que este renovar da esperança no futuro, em consonância e permanente diálogo com o Governo da República e a Presidência.

Connosco, a Madeira tem solução e todos sentirão novamente o orgulho e a esperança em viver nestas belas ilhas do Atlântico!



40 ANOS DE DEMOCRACIA, 40 ANOS DE PSD

ÁLVARO DOS SANTOS AMARO

PRESIDENTE DOS AUTARCAS SOCIAL DEMOCRATAS

**40 ANOS DE DEMOCRACIA,
40 ANOS DE PSD**

40 anos de Democracia, 40 anos de PSD, neste país que nos une por uma realidade que nos tem pautado por uma forma de agir determinada e com espírito de responsabilidade. Importa registar com grande satisfação todos os momentos que marcaram as celebrações desta data, que representaram, por todo o país, uma mobilização ímpar, um reforço da social-democracia.

O partido está mais vivo e mais motivado do que nunca o que comprova que as palavras de Sá Carneiro, sempre imbuídas de uma intensidade tão ímpar, continuam a ecoar em todos nós, em especial, na nossa forma de acreditar.

Do passado registam-se momentos que nos deixam um legado que todos devemos respeitar. Honra a esse passado e honra a todos os homens e mulheres social-democratas. Um especial reconhecimento aos autarcas, que, com uma férrea capacidade de trabalho e determinação, têm vindo a fortalecer os laços de cooperação com o povo português e uma activa participação no desenvolvimento do país.

Desse passado, entre vitórias e também derrotas, se construiu um partido coeso e de ideais bem definidos, que sempre respondeu, de forma competente, activa e cooperante, nos momentos mais difíceis do panorama nacional. Trata-se, portanto, de um percurso marcado por uma conduta de valores e de confiança, que oxalá se venha a perpetuar, para o bem do país e do nosso partido.

Agora é tempo de não regatear esforços para, em torno do líder e da sua determinação, dizermos bem alto aos portugueses que estamos orgulhosos porque conseguimos, com o esforço de todos, libertar Portugal da maior asfixia económica e financeira da sua história democrática.

Com um imenso orgulho em fazer parte integrante desta militância e desta família social-democrata, endereço os sinceros votos para que o nosso partido se fortaleça nos próximos 40 anos, sempre com esperança e confiança num futuro cada vez melhor para os portugueses.

Acima de tudo, PORTUGAL!

DUARTE FREITAS

PRESIDENTE DO PSD/AÇORES

**40 ANOS DE PSD:
INSPIRAÇÃO PARA
UM FUTURO MELHOR**

Na senda da grande iniciativa de comemoração dos 40 anos do PSD, as comemorações regionais dos 40 anos do PSD/Açores foram um momento importante de celebração da nossa história, de encontro de sucessivas gerações e de inspiração de um futuro melhor.

Não nos limitámos a contemplar um passado que nos orgulha. Criámos um presente que nos motiva a trabalhar para os desafios do futuro.

Por isso, a grande marca que fica, no âmbito das comemorações, mas para além delas, é o funcionamento de 19 sedes nos 19 concelhos das 9 ilhas dos Açores.

Pela primeira vez, na história do PSD, dispomos agora de sedes próprias em todas as parcelas do território descontínuo da Região Autónoma dos Açores.

Ao longo de 40 anos, o PSD acumulou as sedes de Ponta Delgada, Ribeira Grande, Vila Franca do Campo, Povoação, Angra do Heroísmo, Praia da Vitória, Santa Cruz da Graciosa, Velas de S. Jorge e Horta.

No ano do 40º aniversário, o PSD abriu novas sedes em Vila do Porto, Lagoa, Nordeste, Calheta de S. Jorge, Madalena, S. Roque do Pico, Lajes do Pico, Santa Cruz das Flores, Lajes das Flores e Corvo.

Agora estamos de portas abertas em todos os Açores – criando, até, milhares de novos militantes – num crescente movimento para a mudança política (e de políticas) nas eleições regionais de 2016.

Foi neste espírito de celebração, crescimento e prospetiva que o PSD comemorou nos Açores os 40 anos da sua

fundação. Desde a cerimónia inaugural, em abril de 2014, com o militante nº 1 regional, Dr. João Bosco Mota Amaral, até à sessão de encerramento, em abril de 2015, com o militante nº 1 nacional, Dr. Francisco Pinto Balsemão. E, em ambas, com a presença significativa do secretário-geral do PSD, Dr. José Matos Rosa, como expressão da solidariedade autonómica do nosso líder nacional, Dr. Pedro Passos Coelho.

Na sede regional de Ponta Delgada, como nas outras 18 sedes concelhias dos Açores, o PSD honrou assim o seu passado com uma grande confiança no futuro!

**PEDRO ROQUE**

PRESIDENTE DOS TRABALHADORES SOCIAL DEMOCRATAS

OS TSD REPRESENTAM O IDEÁRIO SOCIAL-DEMOCRATA

Embora os TSD – Trabalhadores Social Democratas se tenham constituído formalmente apenas uma década após o PPD/PSD, a componente sócio-laboral no seio do nosso Partido surge paralelamente à sua criação mostrando desde a sua génese o carácter interclassista e de forte adesão popular que o transformaram no maior Partido português. Consequentemente o PSD é sobretudo o grande Partido do trabalho e dos trabalhadores portugueses, sendo responsável pelos principais avanços sociais, que se registaram na vigência do atual quadro constitucional, e obreiro do Estado Social no nosso país.

Os TSD são orgulhosamente a estrutura autónoma do PSD para o movimento sindical e o mundo laboral. Hoje, tal como no passado, são representados por um grupo de mulheres e homens, para quem os ideais da social-democracia e do sindicalismo livre e democrático se constituem na pedra de toque da sua participação cívica e da atuação política dentro e fora do PSD. Com um papel incontornável no movimento sindical em geral e na UGT em particular.

Num momento em que Portugal recupera finalmente de uma profunda crise financeira, económica e social motivada por governações irrefletidas que não ajustaram a despesa pública à receita fiscal gerada, nem as políticas de investimento aos critérios de custo-benefício precipitando o incumprimento do Estado em 2011, será importante reafirmar quer o sentido de Estado do PSD, quer a necessidade de os trabalhadores portugueses continuarem a apoiar o nosso Partido como o principal esteio da governação.

Em nome do futuro, em nome de Portugal!



40 ANOS DE DEMOCRACIA,

2014

21/23 DE FEVEREIRO

No XXXV Congresso Nacional do PSD, no Coliseu de Lisboa, Pedro Passos Coelho convoca os militantes social-democratas a celebrar os “40 anos de Democracia, 40 anos de PSD”, e anuncia que a Comissão que preside às comemorações será encabeçada por Francisco Pinto Balsemão, militante número um do Partido Social Democrata.



16 DE MARÇO

Depois do repto lançado por Pedro Passos Coelho no XXXV Congresso Nacional do PSD, o PSD inicia as comemorações dos 40 anos do 25 de Abril, nas Caldas da Rainha, e presta homenagem a todos os social-democratas que lutaram pela conquista da Democracia ao longo de mais de quatro décadas.



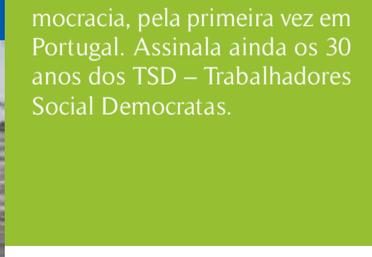
24/25 DE ABRIL

No âmbito das comemorações “40 anos de Democracia, 40 anos de PSD”, o Partido Social Democrata organiza a visita de 40 jovens ao Posto de Comando do MFA, no quartel do Regimento de Engenharia da Pontinha. No final da visita, Francisco Pinto Balsemão e o militar de Abril Sanches Osório participam em conferência de imprensa, recordando a fundação da Democracia portuguesa e do PSD. No dia seguinte, em que se assinala o 40º aniversário da Revolução dos Cravos, o Partido junta-se às comemorações oficiais do 25 de Abril.



6 DE MAIO

Na Alfândega do Porto, a família social-democrata reúne-se para comemorar o 40.º aniversário da fundação institucional do PSD. A cerimónia fica marcada pelo reforço dos valores que presidiram à fundação do Partido: liberdade, igualdade, solidariedade. São homenageados os militantes com 40 anos de filiação, numa celebração que junta muitos dos antigos líderes do PSD.



1 DE MAIO

O Partido Social Democrata associa-se à celebração do 1º de Maio, 40 anos depois de se ter celebrado esta data, em democracia, pela primeira vez em Portugal. Assinala ainda os 30 anos dos TSD – Trabalhadores Social Democratas.



40 ANOS DE PSD...



**11
DE JULHO**

Em mais uma sessão do ciclo de conferências “A Social-Democracia para o século XXI”, debate-se “As Forças Armadas do Portugal Europeu”. O debate tem lugar em Santarém e conta com a presença de Ângelo Correia, José Matos Correia e do general Loureiro dos Santos.



**12
DE JULHO**

Em Leça da Palmeira, a Juventude Social Democrata comemora o seu 40.º aniversário. Participa na sessão o primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, presidente da Comissão Política Nacional da JSD entre 1990 e 1995.



**18
DE JULHO**

Viana do Castelo recebe a terceira sessão das conferências sobre social-democracia para o século XXI. Dedicada ao tema “Portugal e a Vocação Europeia”, a conferência reúne os militantes com 40 anos de filiação e tem como oradores Carlos Coelho, Luís Amado e Vítor Martins.



**25
DE JULHO**

Em Portalegre, o Partido realiza mais uma conferência dedicada ao tema “A Social-Democracia para o século XXI”. Fernando Ribeiro Mendes, Luís Filipe Pereira e Manuel Lemos debatem os contributos do Partido Social Democrata para a construção do Estado Social em 40 anos de Democracia, bem como os seus desafios futuros.



**4
DE JULHO**

Realiza-se em Coimbra a primeira conferência do ciclo “A Social-Democracia para o Século XXI”, no âmbito das comemorações de “40 anos de Democracia, 40 anos de PSD”. Com o mote “A Democracia e as Novas Representações”, o evento tem a participação de Francisco Pinto Balsemão e Pedro Passos Coelho, e conta com oradores como Fernando Negrão e António Costa Pinto.

Desde o dia 16 de Março do ano passado que o PSD tem vindo a assinalar os 40 anos da sua fundação e da conquista da liberdade em Portugal. Hoje, dia 6 de Maio de 2015, encerram-se as comemorações, mas mantém-se aberto o caminho da reflexão sobre o papel da Social-Democracia no século XXI.

... UM ANO PLENO

2014

2015

**15
DE AGOSTO**

No ano em que os social-democratas comemoram os seus 40 anos, o PSD recupera a história da sua tradicional reunião de Verão. A primeira Festa do Pontal teve lugar em 1976, no Pinhal do Pontal, junto à Ria Formosa, em Faro, com Francisco Sá Carneiro. Desde então, a reunião – que ficou com o nome do primeiro espaço onde se realizou – viria a acontecer noutros pontos do Algarve, como o Jardim Manuel Bivar, também em Faro, ou o Calçadão de Quarteira, que acolheu a edição de 2014.



**15
DE SETEMBRO**

Tem lugar em Lisboa mais uma conferência do ciclo “A Social-Democracia para o Século XXI”, dedicada ao tema da comunicação social. A sessão foi liderada por Pedro Lomba, secretário de Estado Adjunto do ministro Adjunto e do Desenvolvimento Regional, e contou com a participação dos oradores Pedro Norton, CEO do grupo Impresa, e de José Manuel Fernandes, publisher do Observador.

**4
DE DEZEMBRO**

No dia em que se assinalaram os 34 anos da morte de Francisco Sá Carneiro, o PSD evoca a memória do seu fundador, com a inauguração de uma exposição sobre as três principais fases da vida pública de Sá Carneiro. A cerimónia tem a presença do Presidente do Partido, Pedro Passos Coelho, e do Presidente da Comissão Coordenadora das Comemorações dos 40 anos do PSD, Francisco Pinto Balsemão. Depois da Sede Nacional, a exposição percorre as sedes em todos os distritos do País.

No mesmo dia, o Partido inaugura o Arquivo da Social-Democracia, com a missão de recolher, tratar e preservar a sua memória histórica, lançando nesta data o arquivo fotográfico, disponível para todo o público através de uma plataforma digital. É o primeiro acervo de um partido político a estar aberto a todo o público. A extensa documentação fotográfica, desde 1974 até ao presente, virá a ser a primeira de várias colecções disponibilizadas no futuro, com recurso a outros suportes audiovisuais e sonoros.

O Povo Livre dedica uma edição especial à memória de Sá Carneiro, recordando o seu percurso político antes mesmo da fundação do PSD.



**24
DE FEVEREIRO**

Projecto único em Portugal, o Arquivo da Social-Democracia, inaugurado no dia 4 de Dezembro de 2014 por Pedro Passos Coelho e Francisco Pinto Balsemão, passa a fazer parte o International Council Archive. O PSD é o primeiro partido político a fazer parte desta rede internacional, que existe desde 1948 e que tem como missão promover a gestão e utilização dos documentos e preservar o património arquivístico mundial.



**28
DE FEVEREIRO**

O secretário-geral do PSD, José Matos Rosa, inaugura a nova sede do PSD Viana do Castelo, no mesmo dia em que a distrital recebe a exposição que celebra a obra e memória de Francisco Sá Carneiro e comemora o 40º aniversário do Partido.

DE COMEMORAÇÕES

7
DE MARÇO

Recorda-se em Setúbal o dia 7 de Março de 1975, quando centenas de manifestantes de Esquerda invadiram o Clube Naval Setubalense para impedirem a realização de um comício do PPD/PSD. A Distrital de Setúbal relembra a história deste comício que nunca chegou a acontecer, num dos períodos mais conturbados da Democracia portuguesa. Participam na sessão Paulo Ribeiro, que homenageou os ex-presidentes da Distrital, Bruno Vitorino, actual presidente, Carlos Carreiras, vice-Presidente do PSD e Marcelo Rebelo de Sousa, que revisitou os dias difíceis dos primeiros anos de militância do PPD em Setúbal.



AULA MAGNA UM ESPAÇO DE CONHECIMENTO E DE LIBERDADE

O PSD encerra hoje na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa as comemorações dos 40 anos da democracia e da sua fundação institucional como partido político, no dia 6 de Maio de 1974. A escolha deste espaço de conhecimento e de luta pela liberdade e pela democracia constitui por isso uma justa homenagem ao 25 de Abril de 1974 e a todos os Social-Democratas que em 1969 começaram a criar as bases da fundação ideológica do PSD.

No dia 16 de Março do ano passado, o PSD iniciou este ciclo de celebrações no Centro Cultural das Caldas da Rainha, tendo prestado homenagem aos militares que participaram na chamada revolta das Caldas, que acabou por se transformar num ensaio para o decisivo golpe de 25 de Abril.

Na cerimónia invocativa desse momento fundador do regime democrático, o presidente do PSD, Pedro Passos Coelho, o historiador Rui Ramos e Francisco Pinto Balsemão, presidente da coordenadora das comemorações, tiveram oportunidade de recordar as dinâmicas históricas geradas por esse momento decisivo no combate à ditadura, tendo destacado nas suas intervenções a presença dos generais Manuel Monge e Almeida Bruno e dos coronéis Armando Ramos, Virgílio Varela e Casanova Ferreira, militares que participaram nessa revolta de Março de 1974.

A cerimónia que hoje se realiza na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa representa o encerramento meramente simbólico deste ciclo de comemorações, na medida em que a liberdade e a democracia continuarão a ser festejadas todos os dias.

A escolha deste local representa também um reconhecimento do PSD aos movimentos estudantis que lutaram corajosamente contra a ditadura e contra a guerra no final da década de 60. Ao mesmo tempo, é também uma homenagem aos jovens de hoje que lutam pela sua liberdade e pelo seu futuro.

6
DE MAIO

O PSD encerra as comemorações do seu 40º aniversário na reitoria da Aula Magna da Universidade de Lisboa, espaço de liberdade e conhecimento. A cerimónia fica marcada pela homenagem aos militantes com mais de 25 anos de actividade e aos inscritos durante o último ano, e ainda por uma passagem simbólica de testemunho entre Francisco Pinto Balsemão e Pedro Passos Coelho. O militante número 1 do PSD, e presidente da comissão das comemorações, entregará ao presidente do PSD, e Primeiro-Ministro, um Manifesto sobre a Social-Democracia para o século XXI.

Ao aceder a este código será direccionado para a página do PSD que contém a cronologia do partido, desde a sua fundação ideológica em 1968, até ao encerramento das comemorações dos 40 anos, a 6 de Maio de 2015 com a entrega do documento “Uma social-democracia para o século XXI”.



“O PARTIDO ESTÁ VIVO. HÁ INICIATIVAS, HÁ GENTE NOVA QUE SE INTERESSA PELA POLÍTICA”

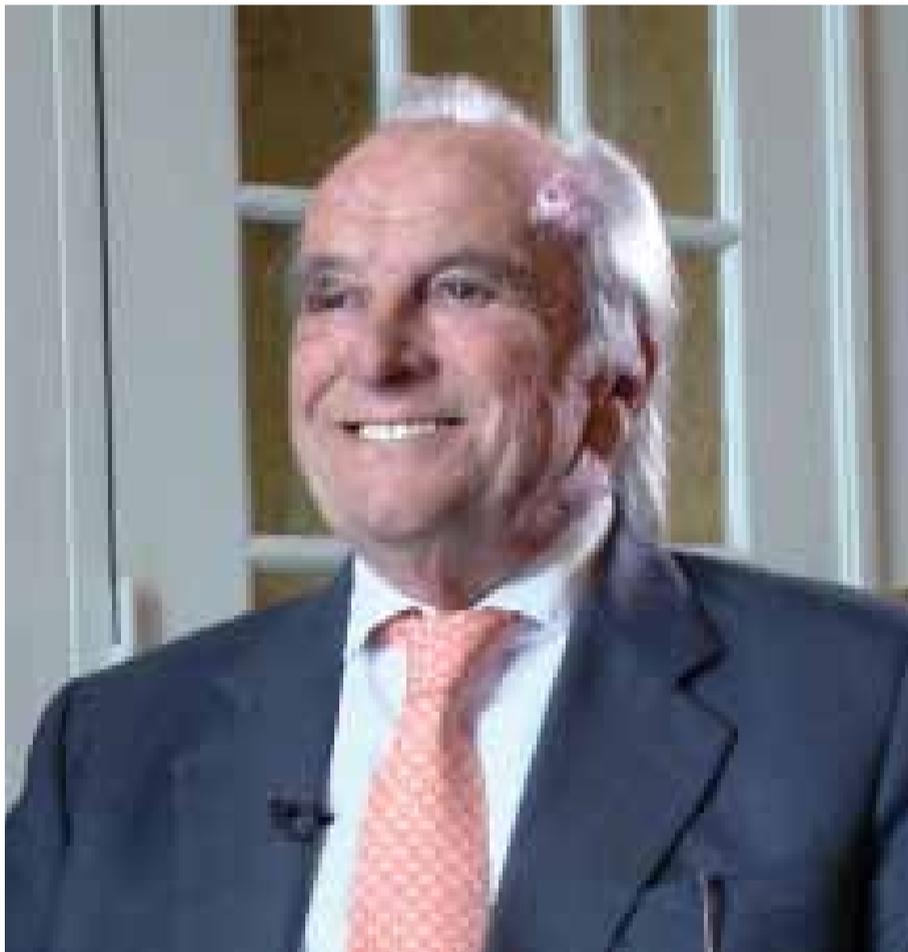
Entrevista a Francisco Pinto Balsemão

É o militante número 1 do Partido Social Democrata. A expressão é mais do que uma formalidade. É também um reconhecimento do Partido que ajudou a fundar. Foi primeiro-ministro, sucedendo a Sá Carneiro; presidente do PSD e deputado da Ala Liberal; bateu-se pela Democracia antes sequer de esta andar nas bocas do povo. Defendeu uma Constituição melhor e mais justa (e as suas revisões). Bateu-se pela liberdade universal para a comunicação social e o direito fundamental do acesso à informação. A coragem que lhe reconhecemos nesses momentos históricos e a luta obstinada pelos ideais é a maior herança que deixa ao PSD e a Portugal. Foi um precursor no jornalismo em Portugal, primeiro fundando o “Expresso” em 1973, depois com o lançamento da primeira estação de televisão privada, a SIC, em 1992. Lidera o maior grupo privado de “media” em Portugal. Mas foi na qualidade de presidente da Comissão Coordenadora das Comemorações dos “40 anos do PSD, 40 anos de Democracia” que Francisco Pinto Balsemão recebeu o “Povo Livre” e a PSD@TV, no seu escritório, na Lapa, em Lisboa. Lá ao fundo, vê-se o rio Tejo e a Ponte 25 de Abril.

Como eram os momentos da fundação do PSD? Como surgiu a ideia de fundar um partido político?

Havia todo um “histórico” representado por aquilo que tínhamos feito e construído na Assembleia Nacional de então, em que aquele grupo de deputados designado de “Ala Liberal” acabou por vir a ser um pequeno partido de oposição dentro de um parlamento monolítico. Tínhamos apresentado vários projectos, entre os quais um de revisão constitucional, e alguns de nós – nomeadamente o Dr. Sá Carneiro – já tinham dito que se pudessem fundariam um partido de inspiração social-democrata. Leia-se “social-democrata” à semelhança do SPD alemão. Aparecendo o 25 de Abril, os acontecimentos precipitaram-se, foi preciso tomar posições muito rapidamente e o Dr. Sá Carneiro, numa entrevista que deu à RTP, anunciou a criação de um partido.

Eu, no dia seguinte, dei também uma entrevista confirmando que o faríamos. O Partido foi anunciado a 6 de Maio, muito pouco tempo depois do 25 de Abril. Naquela altura não havia aqueles formalismos todos das assinaturas, etc. A legalização veio bastante mais tarde. Tivemos alguma dificuldade em encontrar o nome inicial. Como sabe, ficou Partido Popular Democrático, porque já havia pintados nas paredes dois partidos com nomes parecidos ao que queríamos: o Partido Social Democrata Independente e o Partido Cristão Social Democrata. Entendemos que isso ia criar a maior das confusões e tivemos de desistir numa primeira fase, chamando PPD ao futuro PSD. Fizemos um “brainstorming” como agora se diria por telefone com o Francisco Sá Carneiro, no Porto, e eu mais o Ruben Andresen Leitão e outras pessoas no meu gabinete no “Expresso”. Começámos a sugerir nomes e o Ruben, que era um grande intelectual, um grande escritor, saiu com Partido Popular Democrático. Eu transmiti para o Porto... e o Dr. Sá Carneiro gostou, eu também, e ficou assim.



“Aquele grupo de deputados designado de “Ala Liberal” acabou por vir a ser um pequeno partido de oposição dentro de um parlamento monolítico”

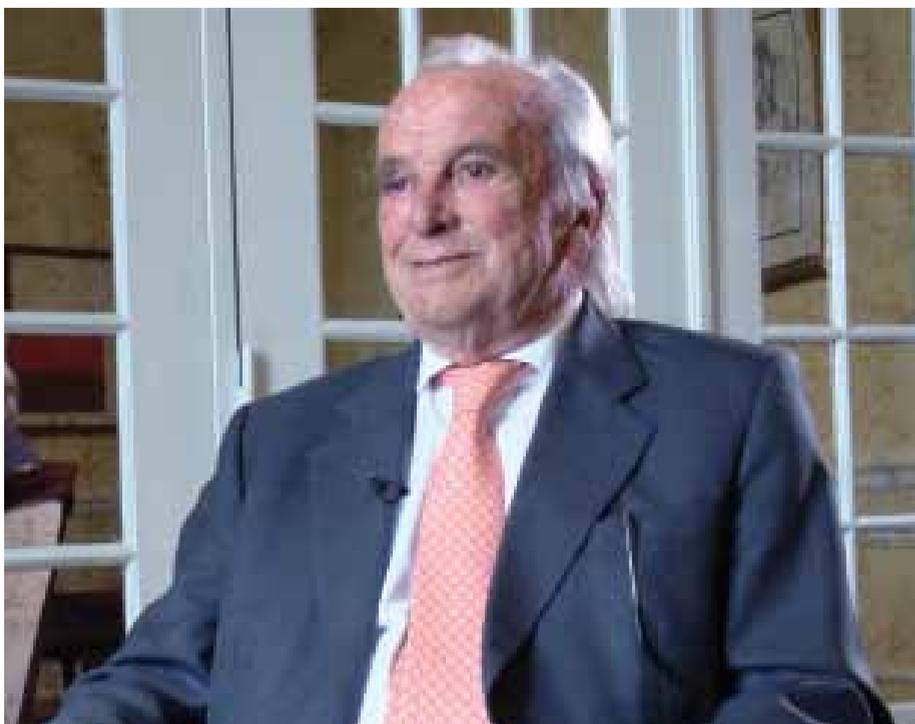
Que comentário faz aos que entendem que o Partido mudou?

Acho que o Partido mudou, com certeza, como também o País mudou e o mundo mudou. Mal de um partido que fique estagnado naquilo que era há 40 anos. Uma instituição é uma ideia e um empreendimento que se prolongam no tempo, além das pessoas que a cada momento a integram. E para se prolongar no tempo tem de se adaptar às circunstâncias. Há uma matriz social-democrata, há valores - a igualdade, a liberdade, a solidariedade. São valores eternos da social-democracia, mas a maneira como esses valores são interpretados, ou as medidas que se preconizam para tentar alcançá-los é que têm

de ir variando conforme as circunstâncias. Por exemplo, há 40 anos não havia Internet e muito menos redes sociais. Temos de ter isso em conta.

Teve algum episódio marcante em que tenha passado medo durante a ditadura ou no período mais conturbado a seguir ao 25 de Abril?

Medo é uma palavra que eu não gosto muito de pronunciar, não que seja valente e fanfarrão. Mas tive algum receio quando fui chamado, pela segunda vez, pelo mesmo assunto à PIDE e em que fiquei lá umas 10 ou 15 horas. Nada comparado ao que tanta gente sofreu. Gente torturada, tortura do sono, prisão sem julgamento, [prisão] preventiva durante meses, etc. Mas, na altura, tive receio do que me pudesse acontecer por qualquer coisa que a PIDE achasse que eu tinha feito ou não tinha feito. E depois, durante o chamado PREC, todos nós que andámos a implantar o Partido pelo País não sabíamos muito bem como é que algumas situações iam acabar. Desde grandes comícios invadidos com grande pancadaria à séria lá dentro até pequenas sessões de esclarecimento em vilas do interior – salas de lotação reduzida, 80, 100 pessoas – pelas coxias dessas salas eram atiradas enormes pedregulhos, que faziam um barulhão. Os cobardes depois fugiam. Ninguém estava à espera e isso intimidava as pessoas. E quem tinha a responsabilidade daquelas reuniões, fossem grandes ou pequenas, ficava com a sensação de falta de segurança organizada para fazer frente a tais ataques. Isso era bastante preocupante. Ao longo do PREC tive vários avisos de amigos militares que me diziam para não dormir em casa. Quando dormia em casa, que foi a maioria das vezes, tinha uma pistola no carro. A minha mulher, quando chegávamos perto de casa, engatilhava; quando chegávamos a casa passava-me o revólver. Eu saía, ela olhava, eu protegia a entrada dela, entrava, ela fechava a porta. Isto contado parece uma coisa de cinema. A primeira vez é até uma coisa excitante, mas à quinta vez já se faz como qualquer



outra rotina. E por aí fora. Quando pusei uma bomba no meu carro em Janeiro de 1975, dentro da propriedade (o carro estava no jardim), não gostei nada. Ainda por cima, eu não estava cá. Estava no Canadá, junto das comunidades portuguesas, a fazer campanha pelo PSD. Estava muito longe, irritou-me solenemente e temi pela segurança da minha família. Enfim, todos nós passámos por isso, mas valeu a pena!

O que significa ser o militante n.º 1?

Significa uma responsabilidade muito grande! É claro que o primeiro de todos nós é Francisco Sá Carneiro. Nunca podemos esquecer que ele é a grande referência, e uma referência que permanece muito actual. Mas o facto de entre os três fundadores eu ser o único vivo dá-me essa responsabilidade. É também uma honra e, por isso, procuro desempenhá-la com algum afastamento, que é o dever de quem já saiu da política activa. Mas também com empenho, sempre que me são solicitadas tarefas que eu entendo poder e dever aceitar.

O PSD é um projecto que continua válido?

O PSD é um projecto que continua válido, como demonstra a escolha dos eleitores ao longo de todos estes anos. É um projecto que tem o valor de ser um partido muito português, fundado em Portugal sem grandes raízes nas internacionais partidárias que existem pelo mundo. Ao mesmo tempo, por ser social-democrata, é um partido pragmático. Não está enfeudado em ideologias cristalizadas.

E eu acho que é nesse sentido que temos de apostar, pensando que a social-democracia no século XXI é diferente, apostando por exemplo no ambiente – como temos sempre apostado – na economia verde, na economia azul, e tentando apresentar e implementar medidas que corrijam as desigualdades sociais, que permitam a inclusão de pessoas, que, por razões financeiras e territoriais, estão privadas de uma igualdade de oportunidades à partida. Esse é o desafio que permanece, para o qual os sociais-democratas têm soluções e que, espero, continuem a dar a sua preferência eleitoral ao PSD, para que as possa executar. Veja-se o bom trabalho que o Partido fez nestes quatro anos, em que Portugal estava numa situação muito perigosa, quase a atingir o caos, e em que houve uma recuperação enorme.

Essa recuperação agora tem de servir para continuarmos o nosso caminho, a nossa rota, modernizando a democracia em geral e aplicando-lhe os valores da social-democracia actualizados.

Após a consolidação do regime democrático, que momento elege como o mais marcante da nossa história política? E como o viveu?

Para mim teve muita importância a concretização representada pela revisão constitucional de 1982. Era eu presidente do Partido e Primeiro-Ministro, razão pela qual estou muito ligado a esse momento. Depois disso, houve vários momentos. Há um que ficará na História de Portugal, entre outros, que foi a nossa adesão plena à então Comunidade Económica Europeia.

Que balanço faz das comemorações dos 40 anos do PSD?

Acho que não devia falar ou fazer elogios em causa própria. Aliás, o mérito nem é meu. O mérito é da comissão organizadora, criada para esse efeito e que integrou os quadros e órgãos do Partido. Eu penso que houve uma revitalização do PSD, que era importante. Houve um reencontro.

“O Partido mudou, com certeza, como também o País mudou e o mundo mudou. Mal de um partido que fique estagnado naquilo que era há 40 anos.”

Fomos chamar pessoas que estavam um pouco afastadas, por uma razão ou por outra, e que voltaram a juntar-se, a participar, a acreditar. Isso é muito importante para um partido que quer estar vivo e actuante. Foi uma lição, porque tendo estado muito afastado do dia-a-dia, desta vez tive de me aproximar. Fi-lo com muito gosto. Verifiquei que o Partido está vivo.

“Houve milhares de novos militantes inscritos neste último ano. Isso deu-me um enorme prazer e a certeza de que vamos continuar a ser um dos maiores, senão o maior partido portugueses.”

Há eleições, há iniciativas, há gente nova que se interessa pela política. Houve milhares de novos militantes inscritos neste último ano. Isso deu-me um enorme prazer e a certeza de que vamos continuar a ser um dos maiores, senão o maior partido portugueses.

Qual o contributo da social-democracia para o século XXI?

Acho que já respondi em parte a esta pergunta, quando disse que há um conjunto de medidas relacionadas que têm a ver com o que estamos a viver. Dei o exemplo da economia verde (o ambiente), da economia azul (o mar), onde há muito a fazer.

E, em termos mais genéricos, dei o exemplo da procura da justiça social, corrigindo o sistema de Segurança Social, apostando na necessidade de preparar o futuro dos que agora são jovens. Devemos insistir na necessidade de dar condições de igualdade à partida. Uma pessoa que nasça no nordeste português, numa ilha dos Açores, não pode ter menos oportunidades que uma pessoa que nasça em Lisboa ou no Porto.

E proporcionando a todos os portugueses essa igualdade, podemos conseguir que o país seja mais competitivo, que as nossas empresas consigam mais exportações, como forma de aumentar a riqueza e o emprego. Falando de emprego, atacando o problema grave que continua a ser o desemprego. O actual Governo conseguiu travar o agravamento que se estava a notar em todos os índices de desemprego, mas precisamos de baixar o desemprego ainda mais.

Essa é uma tarefa que precisa de um Estado mais ágil. Não precisa de ser mínimo. Nós nunca defendemos o Estado mínimo, mas precisa de ser mais ágil, mais capaz

de encontrar soluções para o imediato bem-estar das pessoas, através da criação de empregos. Eu julgo que isso pode ser feito, estará a ser feito e vai ser feito se durante mais quatro anos o PSD estiver no governo.

Como olha para Portugal? O que o preocupa?

Preocupa-me que a democracia esteja, em alguns aspectos, enfraquecida. Já devíamos ter uma nova lei eleitoral que aproximasse os eleitores dos eleitos. Não foi possível atingir isso. Há cada vez mais abstenção e ela resulta do desinteresse de uma parte demasiado elevada da população. É preciso interessar os que se abstêm. Por exemplo, as redes sociais, o voto electrónico, são maneiras importantes de chegar aos cidadãos e convencê-los que um bom cidadão deve ser também um eleitor fiel e constante.

Há esperança?

Há esperança, com certeza que há. O futuro é mais importante que o passado. Temos de tirar lições das comemorações destes 40 anos do PSD, mas o futuro é muito mais importante que o passado. E o futuro passa pelas pessoas, pelo respeito da pessoa humana. Não há soluções mecânicas ou abstractas. Há soluções que vão directamente às necessidades e aos objectivos de cada um de nós.

Qual foi a decisão mais difícil que tomou na sua vida?

Foi aceitar suceder ao Dr. Sá Carneiro como primeiro-ministro em circunstâncias trágicas. Não estava nas minhas perspectivas continuar na política de forma activa. Já tinha conversado sobre isso com o Dr. Sá Carneiro em Outubro ou Novembro de 1980, dizendo-lhe que não queria ficar no Governo.

O que lhe vem à cabeça perante as seguintes palavras?

Constituição.

1976.

Europa.

Bruxelas.

Jornalismo.

Liberdade.

Ética.

Indispensável.

Família.

O melhor que há.

Bateria (instrumento musical).

Uma grande companheira.

Veja a entrevista completa no nosso canal do Youtube



AFINAL, NUNCA HOUVE MONTANHA...

José Matos Rosa, Secretário-Geral

Ao longo de um ano, o PSD celebrou os quarenta anos já passados sobre o 25 de Abril e o 6 de Maio, data da fundação institucional do então PPD, já que a sua matriz ideológica estava traçada desde a oposição ao Estado Novo efectuado pela Ala Liberal. Nesta homenagem, foi bom recordar episódios memoráveis e figuras marcantes do partido, companheiros que conosco foram construindo o caminho de um projecto social-democrata para Portugal.

Mas revisitar o passado não é um mero exercício saudosista. A análise do processo histórico serve precisamente para nos ajudar a construir novos caminhos e procurar novas soluções, num mundo cada vez mais globalizado e caracterizado pela imprevisibilidade. Um partido como o PSD, que se caracteriza desde a sua fundação pelo espírito reformista, afirma-se como a grande força colectiva que congrega o desejo constante da maioria da sociedade portuguesa em encontrar alternativas de futuro.

Por isso elaborámos a proposta “Uma social-democracia para o século XXI”, um documento aberto à reflexão de todos os que desejam participar na construção de uma sociedade com cada vez mais e melhores oportunidades para os portugueses. Coube a Francisco Pinto Balsemão, nosso fundador e militante nº 1, a redacção final, em que empenhou o mesmo entusiasmo e dedicação com que há 41 anos fundou o PPD. Daqui lhe envio a minha mais cordial saudação e penhorado agradecimento.

Pelo contrário, outros há que apenas desejam olhar para o passado para o poder trazer de volta. Veja-se o que aconteceu ainda tão recentemente com o Partido Socialista. A partir da sua nova liderança, conseguiu através do silêncio criar uma

Portugal não quer voltar a sofrer a humilhação de uma troika impositiva, chamada à pressa pelo PS, para resolver os buracos deixados num país à beira da bancarrota.

enorme expectativa na sociedade portuguesa. Quando o silêncio se tornou ensurdecedor, com as suas próprias bases partidárias envoltas em confusão, a liderança do PS propõe agora um conjunto de intenções abstractas e retóricas, sem quantificação nem boas contas, num exercício de mera ilusão económica encomendado ao exterior.

Sem capacidade para definir a tão propalada alternativa às opções do Governo, o Partido Socialista propõe uma mão cheia de nada e que apenas esconde um inevitável regresso a 2011. Ao despesismo, às promessas fáceis a tudo e a todos, ao desprestígio internacional, à hipoteca do futuro.

Diz o povo que, afinal, a montanha pariu um rato. Mas, para todos os que já andam por aqui há uns largos anos, é caso para dizer nunca houve montanha...

Porque o PS não consegue libertar-se de antigas e novas teias que aprisionaram e condicionaram a sociedade portuguesa a uma feroz tutela dos cofres públicos esquecendo que este é o dinheiro de todos os contribuintes.

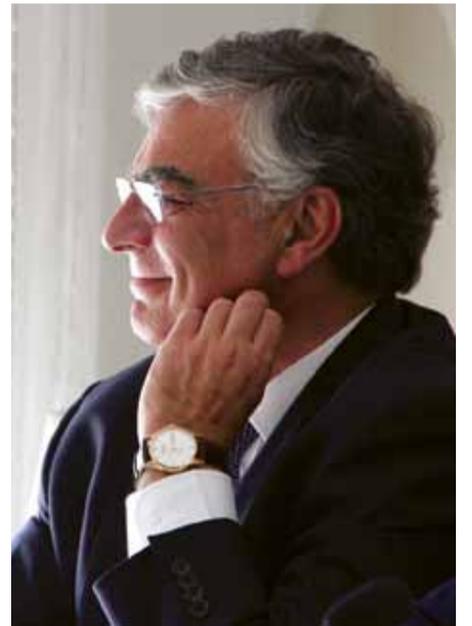
Mas o PS esquece ainda, por mais bonito que seja o seu canto da sereia, que o povo português vai rejeitar regressar ao passado. Portugal não quer voltar a sofrer a humilhação de uma troika impositiva, chamada à pressa pelo PS, para resolver os buracos deixados num país à beira da bancarrota.

Os portugueses estão agora mais cientes das suas capacidades e potencialidades individuais e colectivas – trabalhadores, empresários e pensionistas -, mais habilitados a empreender a construção de uma sociedade mais justa com uma redobrada força empreendedora. Podia aqui falar dos sucessivos recordes das exportações, da recuperação paulatina de empregos, da diminuição do défice, do crescimento da economia, do pagamento antecipado aos nossos credores, das taxas da dívida a bater mínimos de sempre desde o 25 de Abril.

E estas são apenas algumas das virtudes do actual Governo que, passo a passo, tem vindo a devolver a esperança aos portugueses. Ou falar, ainda, dos excelentes resultados eleitorais obtidos pelo PSD na Madeira e que deitaram por terra as previsões catastrofistas de tantos e tantos sábios analistas... Prefiro não vos maçar com factos que estão à vista de todos. Factos comprovados e auditados por entidades independentes e exteriores ao PSD.

Queremos ficar por aqui? Chega-nos?

Não. O PSD quer muito mais para



Portugal e as propostas que, em consonância com as necessidades sentidas pela sociedade, vai lançar ao eleitorado ainda este ano destinam-se a reforçar o caminho prosseguido até agora. Um caminho de seriedade, rigor e transparência, tendo sempre em atenção as novas dinâmicas sociais e as necessidades intergeracionais.

Por tudo isto, foi bom olharmos para trás neste último ano de comemorações. E ganhar a consciência que estamos a prolongar pelo século XXI o ímpeto reformista e de transformação iniciado pelos nossos fundadores há 41 anos. Pelo valor do que está em causa, apelo a todos os companheiros para um redobrado trabalho e entusiasmo numa altura tão crucial para o futuro do nosso país.

Sei que, uma vez mais, podemos contar com todos. Bem hajam.

COMEMORAR A LIBERDADE COMEMORANDO A SOCIAL-DEMOCRACIA

Caras e Caros Companheiros,

Estas palavras são para vós: os militantes de base do PSD.

Quero aproveitar esta edição especial do Povo Livre para vos agradecer o empenho e o entusiasmo com que se envolveram nas comemorações dos 40 anos da fundação do PSD.

De norte a sul, do interior ao litoral, todas as estruturas participaram activamente neste ciclo de iniciativas que homenagearam a História, mas projectaram também o futuro da Social-Demo-

cracia no século XXI. Uma vez mais, nós, homens e mulheres Social-Democratas, demos o melhor que temos em prol do nosso Partido: obrigado.

A Social-Democracia moderna nasceu em Portugal antes do 25 de Abril através da intervenção dos fundadores PSD no âmbito da Ala Liberal. Lutaram pela liberdade, lutaram pela democracia, lutaram contra todas as formas de ditadura. O PSD nasceu assim ideologicamente em 1969.

Foi por isso que iniciámos as comemorações no dia 16 de Março de 2014,

nas Caldas da Rainha, para destacar os militares que tentaram o primeiro golpe contra a ditadura. Através da homenagem à sua coragem, homenageámos também os fundadores do PSD que tanto lutaram antes do 25 de Abril.

Os 40 anos do nascimento institucional do nosso Partido no dia 6 de Maio de 1974 foram assinalados no ano transacto, na Alfândega do Porto. Como todos recordamos, tratou-se de um momento de festa e de afectos, mas também de reconciliação. Foi uma festa da família Social-Democracia.

Os valores da Social-Democracia foram

fundamentais não apenas na conquista da liberdade, na consolidação da democracia e na integração de Portugal na modernidade europeia, mas também na recuperação da nossa soberania ao longo dos últimos quarenta anos.

Estou por isso certo que os valores da Social-Democracia serão igualmente fundamentais nos próximos anos em que se exige sensibilidade social, mas sem nunca perder de vista o essencial: acima de tudo, Portugal.

José Matos Rosa, Secretário-Geral